

MUSEU DE AGUARELA ROQUE GAMEIRO

“CLASSE DA BORRA REGATINHADA DE MESTRE MIGANÇA”

Minde

“Ninhou”



“Avô” - aguarela sobre papel

2020 – “Portugal, aos olhos de Roque Gameiro”

1º quadrimestre - de 2 de janeiro a 30 de abril – “A terra” (33ª exposição)

2º quadrimestre – de 2 de maio a 31 de agosto – “As gentes”

3º quadrimestre – de 1 de setembro a 30 de dezembro – “Os afazeres”

“Portugal aos olhos de Roque Gameiro – “A terra”

Na vasta obra de Alfredo Roque Gameiro, as paisagens pouco humanizadas foram tema de muitas das suas aguarelas, filtradas sob o seu olhar, revelam o amor que sentiu pelos valores da sua terra.

Procurou inspiração na realidade que o envolvia, deambulando em busca do motivo impulsionador da sua emoção estética, quer se tratasse de espaços naturais, espaços humanizados ou de pessoas.

Roque Gameiro foi um espectador atento que contemplou e procurou transmitir imagens, apenas filtradas pelo seu olhar de artista.

A paisagem aparece com frequência no seu isolamento natural, onde perpassa uma espécie de homenagem à natureza. A maior parte das vezes, a figura humana aparece reduzida a muito pequenas dimensões, sendo o homem apenas um elemento que atravessa a paisagem, mas que não se impõe

O seu ideal de vida, austero e próximo da Natureza, como o de Catão, traduzia-se até fisicamente pelo seu ostensivo e característico modo de trajar, com fatos de rude surrobeco castanho apenas avivado pelo permanente laço verde, traje que usava em todas as ocasiões, mesmo as de alguma solenidade...

O realismo rude (“pinta o que se vê, como se vê e nada mais!”), não é o realismo de R.G. Para ele, a pintura é uma celebração da Natureza, que a arte não transforma ou transfigura, mas também não se limita a reproduzir - contempla-a e saboreia-a, amorosamente.

A grandeza de R.G. reside nesta atitude de humildade e de veneração perante a Criação, que transparece nos mais pequenos pormenores, na ternura com que qualquer pedra, qualquer árvore, qualquer reflexo na água é tratado, como que identificando-se com ele. Não há ali qualquer vontade de afirmação pessoal do artista, que se esconde e apaga perante o espectáculo do que contempla e admira.



Apenas uma árvore introduz uma nota de verticalidade sobressaindo desta vegetação esparsa. A casa e o muro de pedra solta estabelecem, pelas suas proporções, um contraste com a árvore isolada. A vasta gama de cinzentos e de verdes acinzentados tão presentes perante os seus olhos de menino, estão aqui evidentes. Ao fundo, a Costa de Minde, é um dos elementos marcantes pela sua grandiosidade e pela sua beleza agreste.

“Árvore em Minde” - aguarela sobre papel



“Praia da Adraga” – aguarela sobre papel



“Rio de milho” – aguarela sobre papel



“Pedra da Papôa” – aguarela sobre papel